
A CRISE DO SENTIDO E A SAÚDE MENTAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO DO TRABALHO: PROPOSIÇÕES FENOMENOLÓGICAS

THE CRISIS OF THE SENSE AND MENTAL HEALTH IN THE CONTEMPORARY WORLD OF WORK: PHENOMENOLOGICAL PROPOSITIONS

Crisóstomo Lima do Nascimento¹

Shirley Macêdo²

RESUMO

O presente artigo busca realizar uma leitura fenomenológica do mundo do trabalho contemporâneo, apresentando, em adição, proposições fenomenológicas com vistas à promoção da saúde mental no trabalho. Partimos de uma compreensão do trabalho contemporâneo à luz da *Gestell* em Martin Heidegger, concluindo que esse mundo não escapa à lógica da mensuração, da quantificação e da protocolização do existir sob a tutela da instrumentalidade e da eficiência que se anuncia na espetacularização do atingimento dos fins inequivocamente prevaletentes sobre os meios que os tornaram possíveis para aportarmos em proposições fenomenológicas para intervenção com vistas à saúde mental do trabalhador, considerando a intersubjetividade tal como concebida por Maurice Merleau-Ponty e a conversação como proposta por Hans-Georg Gadamer, estimuladora de uma fusão de horizontes hermenêuticos através do diálogo que propicie a emersão de novas significações e verdades. A intenção é defender que compete ao profissional da Psicologia, no seu exercício ético de comprometimento com o humano em concepção mais ampla, solidária e democrática, o esforço de penetrar nas sendas esquecidas e amortizadas do pensar que resgata a incontinência do existir frente à tecnificação do mundo e das existências neste intenso processo objetificante no esteio da instrumentalidade e do rendimento a qualquer custo, favorecendo que seu saber fazer, juntamente com seu querer fazer e poder fazer tornem possível transcender a lógica pragmática e tecnicista da produção humana para fazer valer a produção de sentido de vida no trabalho.

Palavras-Chave: Trabalho; Saúde Mental e Trabalho; Fenomenologia; Clínica do Trabalho.

¹ Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Coordenador do Grupo de estudos e Pesquisas em Psicologia Fenomenológico-Existencial (GEPPFE). *E-mail*: crisostomolima@id.uff.br

² Doutora em psicologia clínica. Docente do Colegiado de Psicologia, da Residência Multiprofissional em Saúde Mental e do Programa de Pós Graduação em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido (PPGDIDES) da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Membro da Sociedade Brasileira de Psicologia e Fenomenologia. *E-mail*: mvm.shirley@gmail.com

ABSTRACT

The present article seeks to make a phenomenological reading of the world of contemporary work, presenting, in addition, phenomenological propositions with a view to promoting mental health at work. We begin with an understanding of contemporary work in the light of *Gestell* in Martin Heidegger, concluding that this world does not escape the logic of measurement, quantification and protocolization of existing under the tutelage of the instrumentality and efficiency that is announced in the spectacularization of the attainment of ends unequivocally prevailing over the means that made them possible, to contribute in phenomenological propositions for intervention with a view to the mental health of the worker, considering the intersubjectivity as conceived by Maurice Merleau-Ponty and the conversation as proposed by Hans-Georg Gadamer. The intention is to defend that the professional of Psychology, in its ethical exercise of commitment to the human in a broader, solidarity and democratic conception, the effort to penetrate the forgotten and amortized paths of thinking that rescues the incontinence of the existent before the technification of the world and of the existences in this intense objectifying process in the mainstay of instrumentality and income at all costs, favoring that their know how to do, together with their will to do and to do make it possible to transcend the pragmatic and technicist logic of human production to assert the production of sense of life at work.

Keywords: Job; Mental Health and Work; Phenomenology; Work Clinic.

INTRODUÇÃO

O processo nomeado contemporaneamente de precarização das condições de trabalho, que se constitui na exclusão social e exploração laboral do trabalhador, resultante de grandes transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas ao longo dos últimos anos, que se dão no contexto das organizações ou fora dele, vem favorecendo: o trabalhador precário, o individualismo, o silenciamento do sofrimento, o autoritarismo organizacional e seus novos modos de dominação e exploração, variados modos de discriminação, a violência no trabalho, o assédio moral, as mudanças nas relações sindicais, o enfraquecimento das lutas coletivas, o empobrecimento da classe trabalhadora, a reestruturação das organizações, além da superqualificação de trabalhadores em alguns segmentos e subproletarização da grande maioria.

Frente a esse processo, diversas classes de trabalhadores vêm lutando para regulamentar e melhorar suas condições de trabalho. No entanto, nesses tempos de desordem do trabalho, Borges e Yamamoto (2004) nos dizem que esses sujeitos têm dificuldades para vislumbrar perspectivas de superação da crise, pois a ética da ação coletiva, tão presente na história da luta dos trabalhadores, foi substituída por ações individuais.

Essas questões nos remetem a autores como Ewald, Moura e Goulart (2008), ao destacarem que, na contemporaneidade, o sujeito passa por três grandes crises: de sentido, de trabalho e de identidade. São crises de certezas que desalojam o sujeito, que passa a

não saber responder ao problema de sentido, diante das diversas exigências do contexto globalizado. Em adição, no mundo do trabalho, que sempre foi regido pela lógica da eficácia, mas que na contemporaneidade se precariza ainda mais diante da falência do tecido social e enfraquecimento das lutas coletivas, o sujeito trava uma batalha contra seus próprios limites, diante dos valores da cultura da alta performance, sedimentada que está por relações sociais perversas e aniquiladoras, na qual, em alguns casos, experimenta-se um sentimento de vazio de sentido (Macêdo, 2015, 2018).

Diante da realidade contemporânea do contexto de trabalho, autores de variadas perspectivas em saúde do trabalhador e clínicas do trabalho, campos de saber que ultrapassam os limites das ciências do comportamento humano no trabalho, propõem possibilidades de compreensão e intervenção. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), por exemplo, enfatizaram a importância do reconhecimento do trabalho do trabalhador por seus pares. Dejours (1982) já tinha nomeado isso de julgamento da beleza. Em 2004, o autor defendeu que, frente às relações de poder vigentes nas organizações, o trabalhador se esforça para dar testemunho de sua experiência e mostrar seu saber-fazer, seu *métier*, visando o reconhecimento como medalha. No entanto, quando não consegue obtê-la, ele sofre, frustra-se e se sente injustiçado, podendo adoecer.

Martins (2009), numa perspectiva psicodinâmica, baseada em Dejours, ressalta a importância de espaços contemporâneos de trabalho e afirma: “diante dos constrangimentos do trabalho e da precarização das relações subjetivas de trabalho, todos ficam cada dia mais sós, sem o reconhecimento do outro, sem o exercício da alteridade” (p. 82), e acrescenta, utilizando-se das palavras de Dejours (2004): “(...) todas as novas patologias relacionadas com o trabalho, hoje, são, antes, patologias da solidão”.

Mendes (2008), numa mesma ótica, enfatizou que todos adoram o poder porque são perversos polimorfos e que, no ambiente de trabalho, esses sujeitos criam relações de rivalidade. Tais jogos de poder levam à falta de reconhecimento e ao sofrimento. Aos gestores caberia, então, a adoção de políticas de reconhecimento. No entanto, isso não é realidade percebida por inúmeros trabalhadores, que caem na malha do esquecimento e passam a sentir um vazio existencial.

Poderíamos questionar, então, o que muda nas relações de trabalho contemporâneas em relação a outras épocas? Certamente que rivalidades, competitividade, relações de poder perversas, submissão, ausência de reconhecimento e sofrimento sempre existiram na história do trabalho e do capitalismo ocidental. No entanto, o que autores do campo de saber da saúde do trabalhador nos fazem atentar é que o processo de precarização, nos dias atuais, é fortalecido, também, por modos de pensar e sentir através dos quais o próprio sujeito enfraquece seu poder de agir, pois, mesmo detendo conhecimentos de várias ordens, se voluntaria a uma servidão e se assujeita solitariamente, pondo em risco a luta coletiva que, durante muitos anos, foi estratégia de fortalecimento diante das estruturas de poder vigentes. E que essa falência do coletivo pode estar atrelada ao sentimento de vazio existencial vivenciado por muitos homens e mulheres no contexto das relações sociais de trabalho.

Vale, aqui, referirmo-nos a Codo (2006). Numa perspectiva epidemiológica em saúde mental e trabalho, ele propôs, ao mundo científico, o Diagnóstico Integrado do Trabalho (DIT): uma análise das condições de trabalho focada no circuito sujeito-trabalho-significado; uma investigação sobre o sentido que o trabalhador atribui ao seu trabalho; e uma análise das condições de trabalho e o significado que o trabalhador percebe que o trabalho dele tem para os outros. Sua ideia nos faz pensar que a temática do sentido é profícua para que compreendamos como a ausência do reconhecimento, o comprometimento da solidariedade e a presença de relações perversas no ambiente de trabalho podem levar a uma crise de sentido.

Para tematizar isso, iniciemos caminhando por Martin Heidegger, com quem acompanhamos uma elaboração tematizante do que ele anuncia como princípio estruturante da Era da técnica (*Gestell*) que se inaugura na modernidade, que se rege pelos preceitos seminais de nosso tempo, a saber: uma relação objetificante do homem com o mundo, e, em extensão, com ele próprio, sob a égide dos determinantes da exploração, obtenção, acumulação e controle que calcificam um modo de estar no mundo guiado pela instrumentalidade e pelas lógicas da causa-efeito dualizadas e da metrificação existencial a partir das lógicas do rendimento e da eficácia. Orientados pela metafísica da substantivação ôntica, o homem, como ser-aí, guia-se na sua cotidianidade mediana. No mundo do trabalho, isso não é diverso, haja vista a relação mais impessoal e inautêntica do homem com suas possibilidades de sentido com o mundo e consigo próprio.

Considerando essa contextualização do mundo do trabalho contemporâneo e considerando que este tem nos dado expressivos sinais que está clamando por solidariedade, confirmação de potenciais emancipatórios e, acima de tudo, realização e bem estar pessoal e social, no presente ensaio, reconhecemos ser necessário, para a preservação e manutenção de sua saúde mental no trabalho, que o trabalhador possa saber mais de si e cuidar de si, apropriando-se de sua história e possibilidades futuras, para, junto com outros, mudar o contexto ao seu redor. Acreditamos, também, que cabe aos profissionais de Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), romperem com modelos tradicionais da tão promulgada gestão de pessoas vigente na cultura da alta performance, para construírem, com os trabalhadores, alternativas para além dos parâmetros tecnocratas que regem grande parte das ciências humanas, sociais aplicadas e da saúde. Assim, nas linhas que tecemos adiante, buscaremos realizar, a partir de um olhar fenomenológico, uma compreensão do mundo contemporâneo do trabalho, contextualizando a crise do sentido nesse mundo, para apresentar proposições com vistas à saúde mental do trabalhador.

Uma Compreensão do Trabalho Contemporâneo à Luz da *Gestell* em Martin Heidegger

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), pensador de expressiva importância para o pensamento contemporâneo e de grande influência sobre o campo fenomenológico e sobre a hermenêutica filosófica, tem como traço característico de seu pensar a proposta de reabilitar a questão entendida por ele como a mais originária e fundamental de todas - a questão do *Ser* -, posto que a interpretação deste, de forma objetivada pelo pensamento da tradição, o desconsideraria, “esquecendo-se” da indagação pelo seu sentido. Assim, reconhecendo o

vigor greco-clássico platônico e aristotélico a partir do qual o *Ser* foi tomado como ideia dos Entes, pressuposto estruturante da noção de definição e identidade, Heidegger, de modo diverso, não toma a questão ao molde da tradição filosófica, que pergunta pelo *Ser* como uma categoria, mas indaga pelo seu sentido.

Em sua primeira e principal obra, *Ser e Tempo*, de 1927, a fenomenologia transcendental de seu mestre Edmund Husserl ganha um estatuto hermenêutico e se anuncia como investigação do sentido do *Ser* a partir da análise daquele que, entre todos os entes, seria capaz de compreendê-lo e refletir sobre tal sentido, a saber, o ente que somos a partir de uma *analítica existencial*, que se colocava, desde então, como condição de possibilidade para a ontologia fundamental de Heidegger.

Em Heidegger (2008), o “voltar-se para as coisas mesmas”, traço fundamental da fenomenologia, anunciaria a possibilidade de recuperação da atitude básica dos pensadores gregos: abrir-se para a experiência do *Ser* dos entes em seu desvelamento e ocultação. De modo complementar, ele entendia que, embora a fenomenologia nascesse como uma proposta de método, não se tratava, entretanto, da noção corrente de método usualmente empregada nas ciências, que era a de um meio para atingimento de um fim previamente estabelecido. Para ele, Heidegger (2012), a fenomenologia não deve ser entendida como uma corrente filosófica e ela não seria claramente separável de uma ontologia. Heidegger, então, visualizou na obra de Husserl “*Investigações Lógicas*” um despertar para a, historicamente suprimida, experiência grega sobre o pensar o *Ser*, como podemos constatar em suas próprias palavras em “*Meu Caminho para a Fenomenologia*”: “A distinção que Husserl aí constrói entre intuição sensível e categorial revelou-me seu alcance para a determinação do ‘significado múltiplo do ente’”³.

Para efeito de nossa intenção sobre a contribuição do pensamento heideggeriano na temática aqui em questão sobre a crise do sentido e a saúde mental no mundo do trabalho contemporâneo, faremos uso, entretanto, de uma ideia que erige na chamada segunda fase do pensamento do filósofo alemão, possibilitada por uma viragem (*Die kehre*) que representaria uma mudança a partir de 1930.

Casanova (2012) compreende tal inflexão como uma mudança sim, mas não de procedimento metodológico determinante de etapas distintas e estanques na trajetória do pensamento do filósofo mas como continuação do projeto fenomenológico heideggeriano no qual ele teria redefinido a questão das “condições de pensabilidade”.

Localiza-se na chamada segunda fase do pensamento do filósofo alemão o desvelamento da essência da técnica moderna e o alerta para seu intenso vigor no pensamento do Ocidente através do ensaio *A questão da técnica* (1958). Na oportunidade, Heidegger questiona a habitual visão puramente instrumental de técnica debitária de uma certeza velada de uma inequívoca linearidade e determinação fática da relação causa-efeito. Este modo de ser *sui generis* da ocidentalidade se caracteriza menos por uma técnica compreendida por um conjunto instrumental ou complexo de aparelhos do que por um modo de ser que a tudo reduz a uma produção objetivada com fins de acumulação e proveito.

³ Cf. Heidegger. *Meu caminho para a fenomenologia*, p. 497.

Na experiência moderna como causa de operação eficiente sobre uma matéria prima para a produção de um objeto disponível ao uso, transformação e consumo, oculta-se a dimensão de um cuidado responsável pelo fazer-vir o ente à presença. Esse “deixar vir à presença”, seja ele intermediado ou não pelo homem, os gregos denominavam *poiesis*, produção. (SÁ, 2018, p. 65-66).

Em consonância, ainda sobre esta relação de exploração e acúmulo que tem como primado o homem sobre o real,

O desvelamento que rege a técnica moderna é uma provocação (*heraus-fordern*) pela qual a natureza é intimada a entregar uma energia que possa, como tal, ser extraída (*herausgefordert*) e acumulada. (Heidegger, 1958, p. 20).

Com isso, Heidegger nos sinaliza que, no mundo moderno, a natureza se anuncia ao homem hegemonicamente como um complexo de forças passível de ser calculado, acumulado, transformado e disponível ao homem como energia ou matéria. Em oposição à compreensão usual, portanto, Heidegger diz que a caracterização da técnica moderna não é nada de técnico – ela reside na sua *Gestell*, ou armação, compreendida por ele como uma espécie de processo de maquinização dos entes e conseqüente esquecimento da condição humana naturalizando um modo de existir automático, ordenado e uniforme, que converte tudo que existe em recurso, incluindo, aí, o próprio homem. Em nosso tempo, prevalece uma condição naturalizada de suposto controle sobre o real e um acabamento do esquecimento do *Ser*, do primado da *Gestell* como configuração hermenêutica fundamental do real objetivável e disponível ao homem.

Na medida em que a *Gestell* reduz o real a um mero estoque de recurso, a um fundo de reserva e manancial para extração sempre passível de mensurabilidade e cálculo, o próprio homem não foge a este processo e, por conseguinte, a sua relação com o trabalho e a sua condição de força de trabalho como meio de produção às exigências do mercado e de nosso tempo.

Sob a égide da produção e do produto, do fazer, do feito ou não feito, do a fazer e ter que, sob a primazia do resultado, do rendimento, da performance e da existência reconhecida pelas suas conquistas, aquisições e vitórias, o mundo do trabalho não escapa à lógica da mensuração, da quantificação e da protocolização do existir sob a tutela da instrumentalidade e da eficiência que se anuncia na espetacularização do atingimento dos fins inequivocamente prevalecentes sobre os meios que os tornaram possíveis.

Na temporalidade limítrofe do avanço da era moderna que se configurou encerrada na dualidade da relação causa-efeito e meio-fim, a impessoalidade (*Das man*) do *Dasein* (Ser-aí) na naturalização tácita do existir autenticado pela ordem do utensílio que permeia o Ser-com (*Mit-sein*), também o homem só se reconhece sob o arauto da finalidade para com os outros, sob os projetos eminentemente de cunho performáticos e de conquistas, sendo o mundo do trabalho uma das suas mais fortes expressões.

Na sociedade do existir mediano e cotidiano, o mundo do labor se estrutura sob a crise do sentido da existência conformatando identidades tanto determinadas quanto rarefeitas e inautênticas, raramente apropriadas de suas possibilidades mais autênticas e próprias. Já na década de 1920, em *Ser e Tempo*, Heidegger anunciava a mundanidade como estrutura ontológica do Ser-aí referente ao mundo em que o *Dasein* já sempre está imerso, entendido como horizonte significativo. Modos e possibilidades fundam originariamente o Ser-aí a serviço de um ter-de-ser que de forma velada rege o sentido hegemonicamente ditatorial tácito da cotidianidade, tendo o mundo laborativo como uma de suas mais incisivas expressões.

Para o filósofo, nos caracterizamos usualmente por um pragmatismo originariamente comprometido com o traço da utilizabilidade (*Zuhandenheit*)⁴ no mundo circundante com os demais entes.

No modo-de-ser desse utilizável, isto é, em sua conjunção, reside uma remissão essencial a possíveis usuários para cujos corpos o utilizável deve ser “feito sob medida”. De igual maneira, no material empregado vem-de-encontro seu produtor ou “fornecedor” como alguém que “atende” bem ou mal. Por exemplo, o campo, “ao longo do qual” caminhamos, se mostra como pertencente a esse ou àquele, como mantido ordinariamente por ele, o livro que se usa foi comprado em... presenteado por...etc.. (Heidegger, 2012, p. 341)

Os entes utensiliares, aos quais o Ser-aí não escapa nem de utilização nem de assemelamento, são marcados por uma ontologia remissiva, remetendo-os a uma finalidade para a qual são utilizados, a outros utensílios que são necessários na ocupação (*Besorge*) em geral, e por fim, eles se evocam a um usuário que controla e conduz a lida pragmática. O *Dasein*, como usuário e utensílio, já está de todo o sempre lançado nesse mundo das ocupações e nessa rede remissiva.

Ora, nada mais familiar a essa remissividade e pragmatismo utensiliar do que como opera o mundo do trabalho em nosso tempo. O imponente vigor contemporâneo do rendimento, da performance, do desempenho e da eficácia que encobre derradeiramente o existir humano reduzido a um Brumadinho⁵ que se mostra indefeso, com a ruptura das comportas da usina do tempo e que a tudo encobre na teia matricial da perversidade diluída nas relações de uso e benefício que, sob a batuta da competitividade, dilacera as experiências intersubjetivas de possibilidades existenciais mais próprias e singulares.

⁴ Heidegger utiliza o termo *Zuhandenheit* para se referir a “modo-se-ser do instrumento, em que ele se manifesta em si a partir de si mesmo” (Heidegger, 2012, p. 213). Além de compreender os entes utensiliares, nós sempre compreendemos os entes “naturais”, caracterizados pelo filósofo como entes subsistentes [*Vorhandenheit*].

⁵ Estabelece-se aqui uma relação metafórica com o grave acidente que acometeu a cidade com este nome, no Estado de Minas Gerais, na data de 25 de janeiro do corrente, decorrente de comprovada negligência da empresa mineradora Vale. Na oportunidade a cidade de Brumadinho foi varrida por uma lama tóxica, a partir da ruptura de uma barragem da empresa causando a morte de mais de 240 pessoas e dezenas de desaparecidos. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/19/sobe-para-241-as-mortes-confirmadas-em-brumadinho.ghtml>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Sobremaneira, no cotidiano das ações laborais, os outros não se apresentam como sujeitos que subjazem, mas sim eles se encontram nesta relação submetidos e absorvidos uns com os outros. Recorrentemente, o cotidiano é destituído de individualidade própria, a presença dos demais e a minha presença frente a outros não ocorrem na forma da realização de possibilidades mais próprias e autênticas, mas, com frequência, sem identidade própria e pessoal, o que Heidegger nomeia de impessoalidade. Diz ele, essas são qualidades da publicidade, o modo público é mediano e impessoal (Heidegger, 2012, p. 369).

A afirmação de espaços de trocas e construções interativas que acentuem a experiência intersubjetiva torna-se cada vez mais fundamental para a emergência de possibilidades existenciais invocadoras de novos sentidos existenciais mais austeros e propiciadores de existências revestidas de maior dignidade social. Restituir experiências de tematizações mais rigorosas e mobilizadoras de sentidos mais apropriados quanto à reconstituição de relações mais salutares por alteridades mostra-se cada vez mais urgente num mundo cada vez mais objetivado, frio e insensível no espaço de trabalho.

Práticas dialógicas de afirmação da estrutura ontológica do ser-com comprometidas com o compartilhamento de mundanidades próprias e experiências mais autênticas pela afirmação e incentivo do acolhimento do outro como estranho e diferente, mas sem o qual torna inexecutável a possibilidade da reciprocidade da aprendizagem, condição de possibilidade da re-significação sem a qual a capacidade de resiliência deste trabalhador seguirá frágil e comprometida frente ao ditame da produção maquínica e impessoal.

Sua condição de finitude (ser-para-a-morte) enquanto estrutura ontológica do ser-aí o inviabiliza a uma determinação *ekstatica* atemporal pois,

Todo o ser do *Dasein* é um ainda-não-ser, caminhando em direção a tornar-se o que ainda não é. Portanto, *Dasein* é este que ainda não é, mas que pode ser a qualquer momento, enquanto não lhe advém a totalização. O modo de ser do *Dasein* é o poder tornar-se. Tudo que ainda não é, mas que poderia ser, já faz parte desse sendo na condição do ainda-não. *Dasein* é o seu ainda não ser, enquanto sendo. Logo, ele é o seu já-sendo e o seu ainda não-sendo, concomitantemente, suas possibilidades. O que está por vir chegará finalmente ao fim. A morte haverá de conduzir o *Dasein* à sua finitude, a seu acaba(mento), uma vez que sempre fez parte da longevidade inscrita nesse espectro vital. (Nascimento & Braga, 2019, p. 245).

Martin Heidegger se situa na trajetória do pensamento filosófico como um pensador crítico da tradição que se inaugura com a modernidade pautada pela “armação” tutelar obstinada do existir protocolar tecnicificante. Neste seio, vigoram tacitamente na organização calcificante cotidiana os princípios da exploração, acumulação, manuseio, consumo e controle sobre o real, que se supõe poder ser quantificado, incluindo, aí, também, o próprio homem em sua abertura historial. Atentamos, aqui, para o amalgamento de modo tácito e efetivo destes princípios ao mundo do trabalho, consolidando de forma velada e contínua existências fragilizadas quanto às suas possibilidades mais próprias de reengajamentos existenciais e

laborais fundamentais a uma reconstituição dos campos relacionais laborais mais humanizados e salutareis em suas expressões mais amplas.

Com Heidegger, acompanhamos que o pensar precursor que não se reduz a instrumentalidade técnica mediana de nosso tempo e que também oblitera existências em todas as suas dimensões, dentre as quais as do mundo do trabalho, procura poder resgatar no presente algo há muito esquecido e que se traduz na inequívocidade da diferença ontológica, que Ser não é Ente. Que existências não são determináveis de modo apriorístico e atemporal nas meta-narrativas totalitárias de qualquer tempo. Compete também ao profissional da Psicologia, no seu exercício ético de comprometimento com o humano em concepção mais ampla, solidária e democrática, o esforço de penetrar nas sendas esquecidas e amortizadas do pensar que resgata a incontinência do existir frente à tecnificação do mundo e das existências neste intenso processo objetificante no esteio da instrumentalidade e do rendimento a qualquer custo.

A saúde mental, a qual os profissionais da Psicologia se encontram eticamente comprometidos, é um preceito que deve ser firmado de modo reto e vigoroso num mundo cujo rendimento e a eficácia são cada vez mais as referências de metrificação das existências e do mundo em geral. Neste sentido, o pensamento fenomenológico hermenêutico heideggeriano e a tradição fenomenológica mais ampla iniciada por Edmund Husserl têm muito a contribuir e inspirar práticas intervencionistas anunciadoras de possibilidades existenciais que possam ser tidas como mais salutareis nos campos laborais em nosso tempo, como podemos continuar vendo a seguir.

A Crise de Sentido do Mundo do Trabalho e Possibilidades de Novas Produções de Sentido

Para iniciar as nossas proposições, partiremos de dois grandes fenomenólogos: Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Hans-Georg Gadamer (1900-2002), tendo em vista serem pensadores que nos permitem refletir sobre: a construção conjunta do sentido via compartilhamento de experiência e o diálogo como possibilidade de ressignificação do sentido da experiência.

Com Merleau-Ponty, podemos arriscar uma tentativa de explicar o sentido das situações intersubjetivas sociais de trabalho e não trabalho em que o trabalhador possa estar inserido como homem mundano, que compartilha de significados com outros, já que ninguém pode ter consciência de si no mundo sem ter consciência de outros e sem compartilhar com esses dos significados percebidos, vividos e pensados.

Merleau-Ponty concebe a intersubjetividade como constituída a partir da experiência de compartilhamento da realidade, referindo-se a um sujeito encarnado, corporificado nas situações históricas, que existe em um tempo, em um espaço e em um lugar específicos, sendo, portanto, um sujeito concreto que atribui significados às coisas de um mundo compartilhado na lida efetiva diária com outros sujeitos (Merleau-Ponty, 1945/2006; Matthews, 2011; Macêdo, 2015).

Diferentemente de Husserl e Heidegger, para Merleau-Ponty, a experiência subjetiva se dá no *Lebenswelt*, no mundo da vida, e se expressa pela linguagem. A linguagem é adquirida por essa consciência de ser com outros no mundo: “porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história” (Merleau-Ponty, 1945/2006, p. 18).

A experiência de ser com outros no mundo tem diferentes significados. Segundo Mattews (2011), tais significados seriam: individual (naquilo que individualmente a experiência nos significa); prático (daquilo que ela representa em sua operacionalidade); estético (daquilo que representam em sua beleza, por exemplo); imaginativo (do que podemos transformar as coisas em nossa imaginação); e econômico (quanto custa as coisas). Todos esses e outros tantos significados são partilhados e expressos pela linguagem e é este compartilhamento de significados que dão coerência ao mundo (Macêdo, 2015).

No entanto, esse compartilhamento de experiências se dá pelo corpo, pois o homem é incorporado, corporificado no mundo, e é pelo corpo que o homem expressa sua subjetividade. “Em outras palavras, o corpo é o veículo da experiência subjetiva do mundo, mundo que é moldado por interesses e valores, daí a incorporação da subjetividade humana nele” (Macêdo, 2015, p. 192). Destas ideias, temos que as pessoas fazem as coisas porque têm um propósito, já que

o comportamento é dirigido pelo significado que as coisas têm, motivado por um significado interior e subjetivo que nasce da própria visão que as pessoas têm do mundo. Mas este significado não existe isolado, no interior da pessoa, existe no espaço entre pessoas. Ele só será compreendido por outrem que o compartilha” (Macêdo, 2015: p.192).

Tentando compreender essas reflexões do ponto de vista do mundo contemporâneo do trabalho, profundamente afetado pela lógica da eficácia, pela falência do tecido social e humano, pela carência da solidariedade e do esfacelamento da dimensão coletiva da subjetividade, seria difícil pensar em uma atividade compartilhada, que envolva um engajamento corporal, uma força de querer e poder. Como tudo isso deve ser feito junto-com, diante da falência da dimensão da outridade, o trabalhador, potencialmente, estaria frente a uma crise de sentido. Diante dela, propomos que um diálogo gadameriano possa favorecer a produção de novos sentidos. Como?

Para Gadamer, todo entendimento é interpretação, e qualquer forma de entendimento é legítima, podendo levar à constituição de uma verdade (2003). A hermenêutica gadameriana pressupõe mudança, que pode ocorrer num contexto de diálogo, onde, através da linguagem, motor da experiência, os horizontes dos envolvidos se fundem. Os sujeitos confrontam tradições e chegam a uma nova verdade.

A tradição é o ambiente cultural onde o homem está incrustado e nunca pode encontrar um ponto fora dela para testar sua validade. Inclusive, Gadamer referiu-se ao trabalho humano, dizendo que, diante dos infortúnios do trabalho, cabe ao sujeito a tarefa de encontrar a saída

para se re-inserir no trabalho, já que este lhe é vital. Também afirmou que o caso do doente “é, primeiramente, uma falta, um estar proscrito das relações vitais, nas quais ele vivia como ser humano ativo e trabalhador” (2003, p. 102).

Segundo suas ideias, pela tradição, o homem conecta o passado ao presente e ao futuro, adquire um horizonte, uma perspectiva de mundo (Lawn, 2007). Ao encontro dessas tradições nomeou de Fusão de Horizontes, que pode ser experienciada no diálogo, quando os sujeitos envolvidos fazem conexão e se engajam, podendo mudar de perspectiva, na medida em que suas suposições iniciais são desafiadas e surpreendidas no encontro dialógico (Macêdo, 2015).

Portanto, frente a situações de sofrimento no e por causa do trabalho, para que haja produção de novos sentidos e os trabalhadores mudem na sua relação com o trabalho, com os outros e consigo mesmos, defendemos aqui as ideias de Macêdo (2015), no que concerne ao que a autora denominou de Clínica Humanista-Fenomenológica do Trabalho. Ela propõe, baseando-se em Merleau-Ponty, Gadamer e Carl Rogers, espaços de escuta e fala, onde haja compartilhamento de significados, abertura à experiência e confronto de tradições. Diferentemente das propostas de grupo de discussão de Christophe Dejours, numa clínica psicodinâmica do trabalho; das confrontações cruzadas e autoconfrontações de Yve Cot, numa clínica da atividade; do Dispositivo Dinâmico de Três Polos, da ergologia de Yve Schwartz; e das intervenções psicossociológicas de Eugene Enriquez; Macêdo proporá o método da hermenêutica colaborativa, como possibilidade de ação humanista-fenomenológica em clínica do trabalho. O método consiste em um

processo conjunto de interpretação e construção de alternativas, pautado no confronto de tradições, que viabilizam o encontro intersubjetivo e a retomada da consciência histórica, favorecendo aos sujeitos envolvidos poderem construir novos projetos para enfrentarem e ressignificarem o sofrimento, assim como empreender escolhas construtivas diante da precariedade subjetiva e das adversidades enfrentadas no mundo do trabalho (Macêdo, 2015, p.207).

Pautado nas ideias de Gadamer, o método proposto considera que o homem contemporâneo tem o privilégio de ter plena consciência da historicidade do presente e da relatividade de toda opinião; que ele tem senso histórico, sendo dotado de uma consciência histórica, que lhe permite refletir com relação a tudo que lhe é transmitido pela tradição, sendo capaz de compreender o fenômeno histórico em sua singularidade. Gadamer (1996/2006, p, 59) nos diz: “compreender é o participar de uma perspectiva comum [...] É precisamente o que temos em comum com a tradição com a qual nos relacionamos que determina as nossas antecipações e orienta nossa compreensão”.

Portanto, para uma compreensão conjunta na produção grupal de sentidos, é preciso para os trabalhadores envolvidos o resgate da consciência histórica, ou seja, refletir sobre as ideias preconcebidas que resultam da situação hermenêutica em que o intérprete se encontra, investigando, ele mesmo, a origem e o valor de suas concepções. Para isso, sem deixar de fazer valer suas opiniões prévias e procurando se situar frente a elas, necessita negociar e

renegociar significados que atribui às coisas com outros, com os quais compartilha de uma mesma realidade.

Gadamer, portanto, nos ensinará que o diálogo é o lugar apropriado para o acontecer da experiência hermenêutica: na troca de palavras, aquilo que se quer dizer torna-se mais e mais presente e familiar. Assim, o diálogo é uma dimensão constituinte e constituidora do homem; é um modo de ser, cujo pressuposto é a alteridade (Gadamer, 1996/2006).

Para que o diálogo ocorra, deve haver: a) certa responsabilidade (habilidade de resposta); b) fazer valer em si o estranho e o adverso; c) aprendizagem recíproca; d) revisão de pontos de vista; e) acolhimento da palavra do outro; f) participação do sentido do diálogo; g) desdobramento dos participantes para além do próprio diálogo. Sendo atendidas essas condições, o diálogo impactará os envolvidos, transformando-os. Nesse processo de autoimplicação, os sujeitos não podem se sentir constrangidos nem podados para atuar. Faz parte, de todo verdadeiro diálogo, o atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, acolhendo o direito da opinião do outro. Nessa situação dialógica, há espaço para a solidariedade moral e social, pela disponibilidade de ouvir a palavra do outro, solidarizar-se com ele, rever preconceitos e autoimplicar-se numa mudança em benefício do coletivo.

Intervenções Fenomenológicas com Vistas à Saúde Mental do Trabalhador

A clínica humanista-fenomenológica proposta por Macêdo (2015) está mais voltada para o sujeito que precisa encontrar em si mesmo formas de lidar com o sofrimento nas situações de trabalho e não trabalho, mas que, para isso, precisa se lançar na dimensão da intersubjetividade, construindo junto com outros que compartilham de sua realidade de trabalho, ou não trabalho, estratégias de enfrentamento e mudança.

A autora considera que a diferença básica dessa perspectiva em relação aos grupos de discussão dejourianos é que, no caso da hermenêutica colaborativa, seria a retomada histórica via tradição e não processos inconscientes subjetivos e a construção de estratégias de defesa coletivas para o enfrentamento do sofrimento no trabalho. Não que ela desconsidere aspectos inconscientes na sua relação com a subjetividade do trabalhador, mas o foco dessa perspectiva são estratégias conscientes, resultantes do processo de retomada histórica, confronto de tradições e reconhecimento do sujeito da sua situação no mundo e do seu potencial de mudança.

Ela propõe que, para explorar o compartilhamento de significados vivido numa relação intersubjetiva, é preciso a exploração detalhada da linguagem, que, por sua vez, formula um sentido inédito. Considera, para tanto, que a linguagem é fundante do saber intersubjetivo, pelo qual o sujeito formula seus pensamentos, os expressa e chega a diferentes níveis de significação.

Assim, considerando que o sofrimento no mundo contemporâneo do trabalho promove um vazio de sentido, defende que, através de um espaço de escuta e fala, o poder criador dos envolvidos no processo pode aflorar, transformando a realidade. Isto exige trabalho conjunto, de querer e poder superar uma realidade aprisionadora.

Este processo traria à tona o visível, o dizível e o pensável, agregadores de alternativas de superação da situação de sofrimento em que o trabalhador se encontra. O invisível, o indizível e o impensável já estariam aí, dados, abrigados na natureza humana. Porque não dizer, no Ser Bruto, que habita os espíritos selvagens, que criarão, possivelmente, alternativas de solução. O trabalho de criar possibilidades de alternativas de solução constituiria a obra a ser construída (Macêdo, 2015, p.209/210).

Nessa perspectiva, concordamos com a autora que, ao considerar que o trabalho fornece sentido à vida humana, o sofrimento intenso afetaria o equilíbrio, comprometendo esse sentido. Ao retomar a unidade consigo mesmo numa ação coletiva dialógica, esse sentido pode ser restaurado, favorecendo que o sujeito enfrente o mundo do trabalho de forma mais criativa, autônoma e construtiva. No entanto, isso requer que um profissional de POT, por exemplo, também reconheça seu lugar como homem mundano, que está encarnado no mundo e, a partir desse lugar, promova um encontro intersubjetivo e sistemático de produção de sentido mundano, assim como prescreve a autora: reunindo pessoas em grupo de discussão gadameriano, facilitando esse grupo a partir das atitudes facilitadoras de consideração positiva incondicional e autenticidade, viabilizando a retomada da consciência histórica dos envolvidos, via tradição, focar-se no sentido em comum que está sendo compartilhado e em novas produções de sentido, a fim de deconstruir, conjuntamente com os envolvidos no processo, estratégias em três níveis: do sujeito, dos gestores, das organizações.

Como diz a autora, “parece ser possível, através destes passos, três tipos de intervenção: ressignificação da experiência, apresentação de que existe um leque de possibilidades de escolha, e criação de alternativas paralelas para enfrentar o sofrimento no trabalho” (p.213).

A clínica humanista-fenomenológica do trabalho vem avançando em termos de pesquisa e intervenção. Apresenta como método a Hermenêutica Colaborativa, que tem, inclusive, sido utilizada em pesquisas que não se limitam a contextos de trabalho, pois que se amplia para ser fonte de estudos e intervenções em outros contextos de relações humanas. No entanto, apesar da proposta ser apresentada nos últimos anos em eventos científicos nacionais e internacionais (por exemplo, Macêdo & Caldas, 2013; Macêdo, 2016^a, 2016^b; Macêdo & Lima, 2016; Macêdo, 2017; Macêdo, 2019), necessita obter mais visibilidade no meio científico através de novas produções bibliográficas. Em contrapartida, alguns indicadores de seu alcance vêm sendo divulgados por meio de resumos expandidos.

Em anais de congressos brasileiros e internacionais de Fenomenologia, POT e Clínicas do Trabalho, a autora tem apresentado relatos de experiência com diversas classes de trabalhadores e instituições, apontando como conduz determinadas intervenções e quais os alcances das mesmas no que concerne à melhoria da saúde mental das pessoas que sofrem no e por causa do trabalho.

Resumidamente, relata que os serviços oferecidos pela proposta são: atendimentos individuais, oficinas, diagnóstico institucional e grupos interventivos. Usa recursos artísticos em suas dinâmicas nos grupos com desempregados, aposentados, afastados do trabalho e trabalhadores ativos. Mas também conduz atendimentos individuais, diagnóstico institucional interventivo e oficinas pontuais.

Suas ações têm sido empreendidas em contexto de supervisão de estágio. Assim, propõe que os grupos interventivos tenham dois estagiários como facilitadores e que haja de quatro a oito encontros semanais de duas horas. O diagnóstico institucional interventivo envolve entrevistas com gestores e equipe de gestão de pessoas (se houver), visitas técnicas, oficinas de até três encontros com trabalhadores de diferentes setores (sem a presença dos gestores) e com gestores e devolutiva final com a apresentação dos resultados encontrados.

Salienta que os atendimentos individuais, muitas vezes, requerem uma exploração do sentido do trabalho para o trabalhador, da construção de sua identidade e das possibilidades de enfrentamento que ele reconhece como viáveis. Nas oficinas, além da exploração do sentido do trabalho, também se refletem sobre estratégias de enfrentamento para os trabalhadores ali presentes, seus gestores e a própria instituição, no sentido de uma maior conscientização da corresponsabilidade que envolve as situações de trabalho. O diagnóstico institucional é chamado de interventivo porque, nos encontros, as pessoas ressignificam o sofrimento, produzem sentido compartilhado sobre a realidade enfrentada, como também constroem conjuntamente estratégias de mudanças que consideram necessárias.

Segundo Macêdo (2019), os avanços na prática do método com grupos interventivos permitiram que se sedimentasse uma proposta que envolve um ciclo hermenêutico: explora-se o sentido do trabalho (ou não trabalho, para aqueles sujeitos que não estão inseridos em contexto formal de trabalho); caminha-se para um resgate histórico, a fim de que o sujeito se aproprie de características pessoais passadas que podem possibilitar o enfrentamento das adversidades presentes. Em encontros posteriores, facilita-se que eles reflitam sobre o que podem manter, reciclar ou jogar fora diante das decisões que já tomaram na vida; exploram-se novas possibilidades de ação frente ao mercado de trabalho ou novas situações sociais; definem-se metas a alcançar; e culmina-se o processo com a elaboração de projetos de felicidade humana, parafraseando Ricardo Ayres (2005). Como já alertaram Souza e Macêdo (2018: p. 269), “é importante ressaltar que esta perspectiva concebe a felicidade não como um bem concreto, mas uma disponibilidade para projetos existenciais que favoreçam a superação de momentos limitantes na vida do sujeito”.

Além da possibilidade de sedimentação metodológica, os trabalhadores que participaram dos processos relatam, ao final: ampliação do autoconhecimento (mais clareza de si e do mundo); reconhecimento do próprio potencial (elevação da autoestima); visualização de possibilidades de manutenção e/ou reinserção no mercado de trabalho; desenvolvimento de habilidades interpessoais e de liderança; ampliação de vínculos sociais entre os participantes de grupos interventivos; fortalecimento de vínculos familiares e afetivos diversos; e elaboração de projetos de vida para além do labor. Por sua vez, as organizações demandam mais atividades e/ou renovam convênios de cooperação técnica; e os (as) estagiários (as) que conduzem os processos desenvolvem competências para atuação prática, tanto em POT, quanto na clínica em Psicologia.

Como resultados adicionais, a autora afirma que tem sido comum os sujeitos narrarem, ao final dos encontros de grupos interventivos, como o compartilhamento de experiências com outros que enfrentam realidades semelhantes, por si só, já favorece a diminuição do

sofrimento. Nas organizações, trabalhadores se surpreendem quando, no espaço de escuta e fala, percebem que o colega passa por situações semelhantes, mas que não sabiam até então, o que favorece que juntos pensem em estratégias de enfrentamento. Também se percebe que ações interventivas junto a sujeitos sem perspectivas de mudanças sociais e organizacionais têm ajudado os participantes a elaborar projetos, ampliando seu poder de agir sobre a própria vida, ao que Macêdo (2016, 2019) vem denominando de novos modos de gestão da própria vida.

Em suas apresentações em eventos científicos, a autora destaca que, pelos resultados alcançados até o momento, pode-se dizer que o clínico humanista-fenomenológico do trabalho enfrenta impasses ao compartilhar significados com os participantes, devido sua condição de trabalhador concreto ser a viga mestra do diálogo. Ele também precisa escutar sua experiência do mundo do trabalho como um dado da tradição, sem se abster dela. No entanto, deve realizar uma leitura dos modos de subjetivação diante dos modos de gestão e das relações sociais estabelecidas no contexto social do trabalho investigado e considerar que a tradição vai além da empatia, a fim de mergulhar no mundo da experiência compartilhada no momento do encontro, para produzir novos sentidos. Isso constituiria sua ação criativa (seu espírito selvagem), num dizer merleau-pontyano, sua obra, para que possa, numa conversação gadameriana, contestar verdades e chegar a novos conceitos, como também construir, junto com os sujeitos, projetos de felicidade humana que não se restrinjam ao labor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estivemos, até aqui, envolvidos com proposições fenomenológicas que nos orientou num exercício de tematização de um fenômeno marcante do nosso tempo, o mundo tecnocrata de produção, nomeado por alguns como mundo do trabalho. A partir de um diálogo com a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, pudemos empreender um olhar compreensivo da historicidade constitutiva de uma era marcada pela “armação” tecnificante, chamada por ele de *Gestell*, alicerçada pelos ditames da exploração, acumulação e manuseio, bases dos princípios nodais da instrumentalização, do uso-benefício e da eficácia, que assolam também o mundo do trabalho bem como as suas relações intrínsecas. Entretanto, a própria fenomenologia e a hermenêutica nos propiciam, através da intersubjetividade tal como concebida por Maurice Merleau-Ponty e a conversação como proposta por Hans-Georg Gadamer, o avistamento de possibilidades de intervenções que estimulem a fusão de horizontes hermenêuticos propiciadores da emergência de novas significações e verdades.

Portanto, compreendemos que compete ao profissional da Psicologia, regido pelos seus comprometeros éticos, o esforço nas intervenções que permitam o aguçamento de um exercício do resgate de um pensar que reitere a incontinência do existir frente a este massificante processo histórico de objetificação da existência em nome da incondicional instrumentalidade e do rendimento a qualquer preço. Anseia-se, assim, que haja espaço no denominado mundo do trabalho para práticas intersubjetivas de compartilhamento de experiências existenciais propiciadoras do alargamento da autenticidade do sentido de ser e estar ai junto com outros. Sentido de estar sendo na cotidianidade que abriga a laboralidade

da nossa constituição psíquica como sujeitos que encontram, também no trabalho, o sentido de suas vidas. E parece, pelos avanços obtidos na prática diária de promoção da saúde mental, que a clínica humanista-fenomenológica do trabalho, é um caminho.

Certamente que temos pela frente um mundo árduo de lutas e desafios a serem enfrentados, pois que manter-se saudável nessa massa produtora de bens e serviços é um caminhar doloroso, de potencial fortemente debilitador de exercícios e práticas emancipatórias. Resta, contudo, acreditarmos que, pela via da promoção da saúde mental por profissionais comprometidos com o saber fazer, o querer fazer e o poder fazer, é possível transcendermos à lógica pragmática e tecnicista da produção humana para fazermos valer a produção de sentidos de vidas mais próprias e autênticas no trabalho.

REFERÊNCIAS

- Ayres, J.R.C.M. (2013). Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10 (3): 549-560. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000300013>.
- Borges, L. O.; Yamamoto, O. H. (2004). O mundo do trabalho. Em J. C. Zanelli; J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Org.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (pp. 24-59). Porto Alegre: Artmed.
- Casanova, M. A. (2012). *Compreender Heidegger* (p. 149). Rio de Janeiro: Vozes.
- Codo, W. (2006). Um diagnóstico do trabalho – em busca do prazer. Em W. Codo (Org.). *Por uma psicologia do trabalho. Ensaios recolhidos* (pp.75-98). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Coelho, N. E., & Figueiredo, L. C. (2004). Figuras de intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações*, IX (17), 9-28. Recuperado em 20, março, 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v9n17/v9n17a02.pdf>
- Dejours, C. (1982). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.
- Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho. Contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14(3), 27-34. Recuperado em 24, março, 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a03.pdf>
- Ewald, A.P.; Moura, M.T.C.; Goulart, S.M.S. (2008). Psicoterapia e subjetividade: interfaces entre os modos contemporâneos de subjetivação e as demandas de um Serviço de Psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8 (3), 807-813. Recuperado em 10, setembro, 2018, de <http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a17.pdf>
- Gadamer, H-G. (1996/2006). *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV.
- Gadamer, H-G. (2003). *Verdade e método*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- G1 Minas – Belo Horizonte (2019). *Sobe para 241 as mortes confirmadas em Brumadinho*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/05/19/sobe-para-241-as-mortes-confirmadas-em-brumadinho.ghtml>. Consultado em: 24/06/2019.

- Heidegger, M. (1958). *La question de La Technique*. In: *Essais et conférences*. Paris: Gallimard.
- Heidegger, M. (2008). *Marcas do caminho*. Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e Tempo*. Trad. Fausto Castilho. - Campinas, SP: Editorada Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Lawn, C. (2007). *Compreender Gadamer*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Macêdo, S., & Caldas, M.T. (2013). Hermenêutica-colaborativa como possibilidade de ação humanista -fenomenológica em clínica do trabalho. *Anais do Congresso Brasileiro de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho, III*, p. 82.
- Macêdo, S. (2015). *Clínica humanista-fenomenológica do trabalho. A construção de uma ação diferenciada diante do sofrimento no e por causa do trabalho*. Curitiba: Juruá.
- Macêdo, S. (2016, julho). A clínica humanista-fenomenológica do trabalho na supervisão de estágios no serviço-escola de Psicologia da UNIVASF. *Anais do Congresso de Psicologia do Vale do São Francisco: A prática da Psicologia no Vale do São Francisco, I: Aspectos teóricos, éticos e políticos*. Juazeiro/BA, p. 60.
- Macêdo, S. (2016, julho). Avanços na clínica humanista-fenomenológica do trabalho. *Anais Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho, VII*, p. 408.
- Macêdo, S. (2017, abril). Avanços na clínica humanista-fenomenológica do trabalho na supervisão de estágio no CEPPSI/UNIVASF. *Anais do Congresso Luso Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico Existenciais e Congresso Latino Americano de Psicoterapia Existencial: resgatando o caráter sensível da existencial, III, XIX*. Rio de Janeiro, RJ: Rede Sirius, 1, 224-225.
- Macêdo, S. (2018). Sofrimento Psíquico e Cuidado Com Universitários: Reflexões e intervenções fenomenológicas. *ECOS: Estudos contemporâneos da subjetividade, 8(2)*, 265-277. Recuperado em 10, março, 2018, de <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844/1566>
- Macêdo, S. (2019). A clínica humanista-fenomenológica do trabalho no Vale do São Francisco. *Anais do Encontro de Fenomenologias do Vale do São Francisco (FENOVALE)*, p. 57.
- Macêdo, S.M., & Lima, A.R.O. (2016, dezembro). Experiência de segurados do INSS em grupos interventivos na clínica humanista-fenomenológica do trabalho. *Anais do XI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição, XI*. Petrolina, PE, 6 (1): 167-168.
- Martins, S. R. (2009). *Clínica do trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Matthews, E. (2011). *Compreender Merleau-Ponty*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mendes, A. M. (Org.). (2008). *Trabalho e saúde. O sujeito entre emancipação e servidão*. Curitiba: Juruá.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- Nascimento, C. L. & Braga, J. O (2019). *A finitude em Martin Heidegger e suas repercussões para a psicoterapia*. In: *Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, ano 8 (2), 245. Recuperado em 01 de maio de 2019 de <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/index>.

- Sá, R. N. (2018). *Para além da técnica: Ensaio fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado*. Rio de Janeiro: Viaverita.
- Souza, G.W., & Macêdo, S. (2018). Grupo interventivo com genitores (as) de crianças vítimas de violência sexual. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24 (3): 265-274. DOI: <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.1>.

Recebido em: 15-05-2019

Primeira decisão editorial: 19-06-2019

Aceito em: 01-07-2019